

Fotos Divulgação



ARARANGUÁ: A chegada da Universidade Federal de Santa Catarina mobiliza a educação básica no município

PÁGINAS 4, 5 e 6

CURITIBANOS: Campus na região serrana é um sonho que, com boa vontade e compromissos assumidos, tornou-se realidade



PÁGINAS 7,8 e 9

Interiorização



PÁGINAS 10, 11 e 12

JOINVILLE: Cidade tornou-se referência com a chegada da Universidade Federal de Santa Catarina e a abertura de um curso inovador, que vem atraindo estudantes e movimentando o mercado



Um desafio em novos horizontes

Fotos Fernando Willadino

O processo de interiorização da UFSC iniciou no ano passado em três cidades: Araranguá, Curitibanos e Joinville

Não é nova a teoria de que o grau de evolução de um país é medido pelo grau de instrução de seu povo. É uma tendência, em todo governo realmente preocupado com o futuro, investir na educação. O Brasil acordou para essa realidade e às universidades federais coube o desafio de repensar o ensino em um mundo em constante ebulição. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) encarou o desafio. Uma era de expansão e inovação se avista, não mais em um único horizonte, mas espalhada pelo território catarinense.

O processo de interiorização de uma das mais conceituadas instituições de ensino superior do país iniciou no ano passado em três cidades: Araranguá, Curitibanos e Joinville. Em cada uma delas, a oferta de cursos segue um padrão, o do ineditismo. Inspirada pela reestruturação proposta pelo Acordo de Bolonha e financiada, basicamente, pelo crédito liberado pelo governo federal por meio de programas específicos - como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) - a UFSC começa a ganhar a estrada.

O processo de interiorização foi deflagrado na gestão de Lucio José Botelho e Ariovaldo Bolzan, que antecedeu a atual Administração.

Um total de R\$ 264 milhões dos R\$ 2,5 bilhões liberados pelo governo serão investidos na UFSC até 2012. A universidade pulou de 4 mil para 6.111 vagas na graduação, um acréscimo de 17% em relação ao oferecido no ano passado. Deste montante, 480 vagas foram destinadas às turmas iniciais nos três novos campi, cujas aulas iniciaram em ago-

to de 2009.

Não é fácil "sair da tranquilidade", como avalia o vice-reitor Carlos Alberto Justo da Silva.

"Estamos em uma correria, arrumando terreno, construindo prédios, contratando professores e técnicos", revela.

Por isso, a UFSC organizou o maior concurso público para o magistério superior da sua história, com a contratação prevista de 242 novos docentes.

ATENDENDO A UM APELO SOCIAL

A expansão das universidades federais vem de uma necessidade do país. O Brasil, hoje, tem um dos menores percentuais de presença no ensino superior de jovens na faixa de 18 a 24 anos. A média brasileira está em torno de 13%, enquanto no Chile, por exemplo, está em torno de 40%; nos países mais desenvolvidos, este índice ultrapassa os 60%.

Uma maneira de aproximar o ensino superior das pessoas é interagir de forma próxima e harmônica com a sociedade.

"A população quer respostas de construção do país e formulação de cidadania. Cada vez mais há uma demanda da sociedade de que a universidade interaja mais com ela", comenta o vice-reitor, o médico Carlos Alberto Justo da Silva.

É nesse caminho que a atual administração, capitaneada pelo reitor Alvaro Prata, vai tentar conduzir a UFSC. A estrada é longa e percorre os mais distantes rincões do Estado.

A SOCIEDADE AGRADECE

"É muito importante essa expansão da UFSC, principalmente levando em consideração as características do Estado, que é muito bem distribuído, com cidades de médio porte, com economias, culturas e oportunidades diversificadas. A universidade significa um agente de desenvolvimento, formador de recursos humanos, um agente de pesquisa em ciência e tecnologia que torna o Estado mais competitivo", considera o secretário de Estado de Educação, Silvestre Heerdt.



Vice-reitor da UFSC, Carlos Alberto Justo da Silva

Inovação para se manter atual

Não basta a expansão de uma estrutura física, ou a multiplicação dos mesmos cursos de sempre. Vive-se um período de mudanças muito intensas e de muitas oportunidades.

"A UFSC procura estar sintonizada com o que há de mais moderno em termos de universidade. Nosso compromisso, quando assumimos, era esse: o de pensar a universidade do século 21", avisa o vice-reitor.

Os cursos foram escolhidos estrategicamente, de acordo com as características de cada região em que um novo campus foi instalado. A proposta pedagógica é inovadora.

Baseada na estrutura dos ciclos crescentes de conhecimento, a universidade elaborou um plano de ensino que ofereça a base da ciência atrelada à vivência

da problematização. Uma aproximação maior da teoria com a prática. "É diferente do antigo básico, em que o aluno estudava primeiro a parte teórica e depois a prática. Isso não funciona", avalia o vice-reitor.

No primeiro ciclo, o aluno tem três anos de uma formação integrada, dentro de uma grande área. Ao final do terceiro ano, já recebe o diploma de bacharel. Isso ajuda a reduzir a evasão.

"Aos 17 anos, o jovem deve ter oportunidade de mudar e não jogar dois, três anos fora. Isso é uma perda social muito grande, é um custo muito grande, para o estudante e para a sociedade", justifica o professor Acires Dias, coordenador do campus de Joinville e um dos "pensadores" do projeto de interiorização.

2

apresentação

A ideia é poder inovar na formação

Com a descentralização a universidade abrange outras regiões do Estado, e vai além do campus da Capital

A partir do momento em que foi tomada a decisão de interiorizar a UFSC, veio um novo estágio do desafio: que tipo de cursos a instituição deveria oferecer nos novos campi? A primeira conclusão: não levar os mesmos cursos para o interior, para não "fazer mais do mesmo", para inovar na formação e pensar questões que sejam importantes para o país. A segunda: criar cursos que não são oferecidos naquelas regiões escolhidas, já que o objetivo é aumentar a possibilidade de um aluno entrar em uma universidade, e não concorrer com as que já estão lá. A terceira: fundamentada no princípio da autonomia pedagógica, como preparar um novo modelo de profissional, diferente do padrão antigo? Um profissional moderno, antenado, ligado nas tendências e preparado para uma realidade em perene transformação? O reitor Alvaro Prata revela os detalhes da formatação dos novos cursos na entrevista a seguir.

Como surgiu a iniciativa de interiorizar a UFSC?

Reitor Alvaro Prata: Nós temos um déficit muito grande na área de educação. As estatísticas nos envergonham. Embora tenhamos um número grande de instituições de ensino superior, são 2,5 mil no país, a maior parte é privada. Um bom número dessas instituições não é de bom nível. Então, quando você pensa que a educação é um bem público e um compromisso que qualquer país tem que ter com seu povo, de dar condições de que as pessoas possam ter uma educação de qualidade, você começa a analisar os números da nossa educação e começa a se preocupar com eles. Por exemplo: 13% da nossa população de 18 a 24 anos, hoje, faz um curso superior. É um dado universal, porque você imagina que a melhor coisa que qualquer pessoa nessa faixa etária pode estar fazendo é estar se qualificando.

A universidade tem autonomia para fazer a expansão, faltavam recursos, é isso?

Prata: Esse é o ponto. A universidade tem uma autonomia que é um pouco questionável também. A rigor, tem autonomia administrativa e acadêmica para criar novos cursos, mas não tem condições de fazer porque não tem orçamento. Então, na medida em que essa possibilidade foi dada, a universidade respondeu afirmativamente. E aí desenvolvemos o bellissimo projeto de interiorização que nos permitiu ir para Araranguá, Joinville e Curitibanos. Iniciamos, a partir de agosto do ano passado, as aulas nessas três cidades e estamos implantando um campus da UFSC nas três regiões. Além disso, também dentro da política de expansão, conseguimos criar uma segunda universidade federal em Santa Catarina, que é a Universidade Federal da Fronteira Sul. Uma universidade também multicampi, que atua em cinco campi, mas com sede em Chapecó. Nós fomos, ao longo do ano passado, tutores da Universidade Federal da Fronteira Sul, que começou a funcionar em março deste ano com muito sucesso.

Quais são os benefícios?

Prata: São enormes, indiscutíveis. Olha o que já aconteceu com Florianópolis, o que era esta região há 50 anos sem a UFSC. Uma instituição como essa, que não só educa, mas que atua em pesquisa e extensão, com uma população muito grande de pessoas, uma comunidade acadêmica que chega perto de 50 mil pessoas e que tem convênios com diferentes instituições dentro e fora do país... Uma instituição que agita, que movimenta, que organiza mais de um evento por ano em todas as áreas do conhecimento... Agora você imagina, em todas as áreas do conhecimento, você trazendo pesquisa, inovando, dando oportunidade, formando pessoas, isso tem um impacto enorme para a cidade. Mesmo com sua vocação turística, Florianópolis, hoje, arrecada



Reitor da UFSC, Álvaro Toubes Prata

mais com empresas de base tecnológica do que com o turismo. Então você transforma a cidade. E aí, fazendo o mesmo paralelo com essas três regiões, você tem níveis de desenvolvimento diferenciados. Joinville é uma metrópole mais consolidada, mas com a proposta que estamos levando para lá, a universidade trará muitos benefícios para a cidade. Aí você pega Curitibanos, que tem um IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) mais baixo, e você leva recursos para a região e na medida em que a universidade se consolida, teremos um polo importante na área de Ciências Agrárias. Em Araranguá não é diferente. Iniciamos com a Tecnologia da Informação, já criamos um segundo curso, Engenharia da Energia, e agora estamos indo para a área da saúde, com dois cursos: Engenharia Biomédica e Fisioterapia. Então, a universidade começa a se consolidar nessas regiões, focalizando na qualidade, com a missão maior de alavancar o desenvolvimento social e econômico.

A escolha das regiões certamente não foi aleatória, teve todo um estudo. Foi uma decisão estratégica?

Prata: Sim. Não quer dizer que tenhamos atendido todas as regiões, mas hoje, se você observar, nós atendemos o Norte do Estado, com Joinville; temos o Sul, com Araranguá; temos a Serra, com Curitibanos; e lá no Oeste tem a Universidade Fede-

ral da Fronteira Sul. Então hoje estamos em uma região muito mais espalhada do nosso Estado. Durante esse tempo todo, o ensino público federal esteve limitado à Ilha de Santa Catarina. Isso de forma presencial, porque a universidade oferece muitos cursos a distância, mas é diferente. Agora estamos falando em instalações físicas, campi, isso faz muita diferença.

Os novos campi têm um conceito bem particular. Qual é esse diferencial?

Prata: A maneira como a universidade estrutura esses campi e o que ela vai colocar lá é parte da sua autonomia. Nós temos interagido muito com as regiões, ouvindo as demandas e as necessidades das regiões, mas acima de tudo queremos levar projetos inovadores. Não queremos fazer mais do mesmo. Queremos usar a experiência acumulada ao longo de 50 anos da universidade e falar o seguinte: como é que nós podemos usar essa experiência e criar propostas inovadoras para esses campi? É o que estamos fazendo. Na medida em que o tempo passa, esperamos que possamos ter esses campi atuando em várias áreas, mas iniciamos de uma maneira vocacional. Em Araranguá, iniciamos através da Tecnologia da Informação e da Comunicação; em Joinville, iniciamos pela Engenharia da Mobilidade; e em Curitibanos, pelas Ciências Rurais.





O primeiro campus no interior é no Sul

O conceito adotado em Araranguá segue a linha dos ciclos de formação, com bacharelado em apenas três anos

O primeiro campus próprio da UFSC fora de Florianópolis foi inaugurado no dia 10 de agosto de 2009, em Araranguá, no Extremo Sul do Estado. O pioneirismo coube ao curso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Este ano, o campus contou também com a chegada da Engenharia de Energia. No total, são 230 alunos, atendidos por 11 professores - outros 10 foram aprovados recentemente em concurso e começam a lecionar em julho.

"A interiorização da UFSC foi uma decisão acertada, cujos resultados serão sentidos nos próximos anos. Existe atualmente uma deficiência nacional em profissionais em áreas estratégicas, como por exemplo, engenharia e tecnologia da informação", observa o diretor acadêmico do campus, o professor Amir Antonio Martins de Oliveira Jr.

Como a estrutura administrativa é muito simples e o quadro de funcionários é pequeno, não existe a divisão em departamentos - situação que se repete nos outros campi criados. Todos os docentes e técnicos pertencem ao campus, o que facilita a integração.



Foto Divulgação

O campus está instalado em um terreno cedido pela União, onde era o antigo aeroporto, em uma área central de Araranguá

O campus está instalado em um terreno cedido pela União, onde era o antigo aeroporto, em uma área central da cidade. Existe um primeiro prédio próprio, construído em duas etapas, com um total de 2.700 metros quadrados, incluindo biblioteca, salas de aula para 50 e 100 alunos, e laboratórios de informática para 40 estudantes.

"Nossa situação é privilegiada. Estamos instalados em um prédio que foi totalmente construído, com instalações, móveis e equipamentos novos", comemora o professor Giovani Mendonça Lunardi, que ensina Inovação e Criatividade para os alunos de Tecnologias da Informação e Comunicação.

FOCO NA TECNOLOGIA

O conceito adotado em Araranguá segue a linha dos ciclos de formação, com bacharelado

em apenas três anos, após a conclusão da carga horária mínima para a obtenção de um diploma, que é de 2.880 horas/aula. O que acabou se transformando em um árduo desafio, já que uma das turmas é noturna, com tempo disponível reduzido - há apenas quatro horas à noite, enquanto que durante o dia podem ser realizadas cinco aulas em cada período.

No final do terceiro ano de TIC, por exemplo, o aluno pode optar por uma habilitação e fica mais um ano na universidade cursando Análise de Tecnologias Digitais, Análise de Negócios Digitais ou Análise de Educação e Cultura Digital.

"A gente criou um curso de informática aplicado, moderno e rápido. É importante que seja rápido, porque as tecnologias mudam muito. É um curso que visa a tratar das tecnologias", explica o diretor geral do campus, o professor Sérgio Peters.

Na Engenharia de Energia, a área profissionalizante exige mais dois anos de estudo. É o

primeiro curso de Engenharia da UFSC com aulas noturnas - só algumas atividades complementares são realizadas durante o dia, em datas específicas.

A MARCA DO ENSINO A DISTÂNCIA

Outro diferencial no campus de Araranguá é a oferta de disciplinas a distância; o curso não é todo presencial. Atualmente, tem 10% das matérias lecionadas nessa modalidade e pode aumentar até 20%, o máximo permitido pela lei.

"Estamos desenvolvendo e possibilitando o emprego de novas tecnologias de educação a distância, sem deixar de lado a base do ensino presencial", destaca Giovani Lunardi.

Hoje, para cada curso, são oferecidas duas turmas, com o ingresso de 100 alunos por semestre. A ideia é chegar a 200 alunos, com a chegada de novos cursos. Até o ano que vem, podem ser criados mais dois, na área da saúde: Fisioterapia e Biomedicina.

4

campus Araranguá

Os novos cursos

Biomedicina

É a ciência que conduz estudos e pesquisas no campo de interface entre biologia e medicina, voltada para a pesquisa das doenças humanas, seus fatores ambientais e ecoepidemiológicos, com intuito de identificar causa, mecanismo, prevenção, diagnóstico e tratamento. É oferecido em apenas uma unidade de ensino público em Santa Catarina.

Fisioterapia

É a ciência que estuda o movimento humano e utiliza recursos físicos no tratamento e cura. Com o sentido restrito à área de saúde, está voltada para o entendimento da estrutura e mecânica do corpo humano. Ela estuda, diagnostica, previne e trata os distúrbios da biomecânica.

Ecologia ou Ecoturismo também podem ser implantados em breve.

Eles povoam o campus

- 230 alunos
- 84 alunos no curso de Tecnologias da Informação e Comunicação (noturno)
- 66 alunos no curso de Tecnologias da Informação e Comunicação (diurno)
- 80 alunos no curso de Engenharia de Energia
- 7 professores doutores
- 4 professores mestres
- 10 professores efetivos concursados para assumir em julho

Apredizado a serviço do mundo digital



Tecnologia Digital, Educação e Cultura Digital e Negócios Digitais são as habilitações dos bacharéis em TIC

Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) é um curso na área de informática, semelhante ao de sistemas de informação tradicional, só que mais curto. Em três anos, já forma um bacharel com habilidades suficientes para encarar o mercado de trabalho.

"A grande crítica aos cursos tradicionais, principalmente na área de tecnologia, era a de que o aluno esperava quatro, cinco anos para estar habilitado para o mercado. Então, quando foi montada a proposta curricular, a intenção era mitigar um pouco essa deficiência", revela o professor Giovanni Mendonça Lunardi.

Lunardi avalia que uma das intenções da interiorização é justamente a de inovar, não só com relação ao projeto pedagógico, mas também no fomento a diferentes áreas do conhecimento, ao criar um curso que não existia nos moldes em que foi proposto.

"Para os professores surge uma nova área de atuação, um novo campo de trabalho, com a possibilidade de pesquisa e extensão universitária", pondera.

"O interessante é que os cursos que estão sendo oferecidos nos novos campi são inovadores. A Tecnologia da Informação, por exemplo, tem módulos interdisciplinares, é muito ligado à contemporaneidade e voltado a novas perspectivas", entende o professor de Mídias Digitais Márcio Vieira de Souza.

Depois de três anos de estudo, o agora bacharel pode optar por seguir na academia e conseguir o grau de analista em três habilitações distintas: Tecnologia Digital, Educação e Cultura Digital e Negócios Digitais.

Na análise de tecnologias digitais, o profissional vai se aprofundar em componentes de computador, hardware, software e aplicações para web e internet. A área de negócios digitais prepara o aluno para outra face da área de tecnologia da informação, que é muito efervescente, a do empreendedorismo.

Ele será capaz de gerenciar e criar um negócio no mundo digital. Na Análise de Educação e Cultura Digital serão pensadas e desenvolvidas tecnologias para a educação, voltadas para o ensino a distância, aos ambientes virtuais de aprendizagem.

METADE DOS ALUNOS É DA REGIÃO

Segundo dados cadastrais, 50% dos alunos do campus são da região, o restante vem de fora, inclusive de estados distantes, como do Sudeste e Nordeste. Até mesmo estudantes de Florianópolis optaram por descer o litoral em busca de uma nova oportunidade.

"É um fator importante o fato de que pelo menos metade dos alunos é da região, porque significa que um dos objetivos da universidade está sendo atingido", argumenta Giovanni Lunardi.

É o caso de Pedro Henrique Souza, de 22 anos. A família é natural da cidade e ele, que já morou em Porto Alegre (RS), comemorou o fato de ter ingressado em uma universidade federal e pública pertinho de casa.

"Para quem mora longe, ir



O curso de Tecnologia da Informação tem módulos interdisciplinares e é voltado para as novas perspectivas do mercado

para Florianópolis, mesmo que a universidade seja pública, tem um custo muito alto, principalmente com moradia. Como eu já tenho família aqui, aí sim a faculdade sai sem custo", conta o estudante de TIC.

Marília Matias Kesting, de 24 anos, é outro exemplo. Ela é de São Ludgero, mas mora em

Criciúma e faz o mesmo curso que Pedro escolheu. "Antigamente, a gente tinha que se deslocar até Florianópolis. Isso é um progresso para o pessoal daqui. As pessoas que não têm condições de bancar moradia em Florianópolis, agora têm a possibilidade de fazer uma graduação aqui na região", opina a estudante.

Em benefício da sustentabilidade energética

No campus de Araranguá também teve início em março deste ano o curso de Engenharia de Energia, que terá 80 vagas anuais. O curso foi criado por uma comissão, da qual fazia parte o atual diretor acadêmico do campus, o professor Amir Antonio Martins de Oliveira Jr. A Engenharia de Energia é fundamentada em uma proposta de formação integrada e multidisciplinar, focada em um dos maiores problemas da atualidade: a produção, distribuição, uso e os impactos da energia.

"Energia é o insumo motriz do desenvolvimento e da promoção de qualidade de vida para a população. Um assunto com uma importância dessa magnitude, cujos impactos podem comprometer a própria qualidade do ar que respiramos e afetar o clima em uma escala continental, requer uma formação alicerçada nos fundamentos que promoverão as próximas revoluções tecnológicas", projeta o professor Amir.

Para pensar a sustentabilidade energética de forma integrada, a Engenharia de Energia engloba fundamentos das engenharias Mecânica, Elétrica, de Materiais, Ambiental, Biotecnologia e das Ciências da Terra. O profissional formado poderá atuar em duas áreas de concentração: a Conversão de Energia ou a Bioenergia e Sustentabilidade. O Bacharelado dura três anos e fornece os conhecimentos e habilidades básicas para a implantação e operação de sistemas de energia. Depois, ele acabará sendo treinado pela empresa que o contratar naquelas habilidades específicas inerentes à função que vai desempenhar. O bacharel também poderá migrar para as outras modalidades de engenharia disponíveis na UFSC, mesmo em Florianópolis.

A habilitação de engenheiro é conquistada em cinco anos de estudo. Aí, o profissional terá habilitação para análise, projeto e planejamento no setor.



campus
Araranguá



Rumo a um parque tecnológico

A chegada da Federal na cidade vai mobilizar o comércio da região, principalmente o setor imobiliário

Uma prova de que a academia está cada vez mais vinculada à comunidade em que está inserida é a própria reação das pessoas à chegada de uma universidade federal, gratuita e com qualidade reconhecida.

"A gente já sente como está sendo importante para a comunidade de Araranguá. Dá

para perceber o impacto social. O pessoal da Associação Comercial e Industrial, por exemplo, já tem vindo aqui, já participa, reivindica. Dá até para fazer um paralelo com o que aconteceu em Florianópolis com a chegada da UFSC há 50 anos", sublinha o professor Márcio Vieira de Souza.

O presidente da Associação Empresarial do Vale do Araranguá (Aciva), Cláudio Alberto Damo, também percebe uma movimentação maior na cidade após a instalação da UFSC. Ele fez uma previsão otimista: a de que em até cinco anos estarão convivendo no campus 200 professores e 3 mil alunos. Uma situação que vai mobilizar o comércio da região, principalmente o setor imobiliário, e ajudará a "qualificar" ainda mais a população com a chegada de professores graduados.

Na carona da chegada da UFSC e outras instituições de ensino à cidade, Damo já vislumbra a criação de um parque tecnológico em Araranguá.

"Estamos discutindo, ainda, a questão do desenvolvimento tecnológico na região. O tema ainda não foi definido, precisamos encontrar a vertente adequada à nossa realidade", ponderou.



Presidente da Aciva, Cláudio Aberto Damo, entregando documento com as moções de todas as entidades de classe ao reitor



Pró-reitora de Ensino de Graduação Yara Maria Rauh Müller, reitor Alvaro Prata, prefeito de Araranguá Mariano Mazzuco

6

campus
Araranguá

Iniciativa da Federal eleva o nível do serviço

Outro reflexo imediato provocado pela chegada da universidade a Araranguá foi a mobilização na educação básica. Apesar de estar instalada na cidade há menos de um ano, a presença da UFSC fez com que as escolas estimulassem seus alunos a capricharem nos estudos desde já para terem chance de ingressar na Federal no futuro.

Uma das intenções do governo ao incentivar a expansão das universidades é equilibrar a oferta de vagas entre instituições de ensino superior públicas e privadas. Apesar de não fazer parte dos planos, um outro reflexo pode ser percebido na esteira dessa perspectiva: diante de uma oferta qualificada, a "concorrência" terá que elevar seu padrão e reduzir seus preços.

"Não só estimula o aluno a estudar mais na educação básica para buscar uma vaga numa Federal, como também estimula as próprias universidades municipais a primarem mais pela qualidade, para disputar espaços e garantir sua sobrevivência", compara o secretário estadual de Educação, Silvestre Heerd. É o que prevê também o gerente regional da Secretaria Estadual de Desenvolvimento Regional, Juarez Bitte.

"Vamos poder verificar a questão da oferta e da procura. Hoje se paga uma exorbitância em uma instituição particular para depois, talvez, conseguir um emprego. O preço vai baixar e nem se discute a qualidade da UFSC, com respaldo nacional, uma referência para nós. Então, melhora para quem paga uma particular, que baixará seus preços, melhora a qualidade e vamos contemplar nosso cidadão de poder aquisi-

tivo mais baixo com um ensino de qualidade", reflete Bitte.

O gerente regional é natural de Morro Grande, também no Sul do Estado. Está formado há 30 anos e um dia sonhou em frequentar a Federal. Fez o vestibular e não passou. "Gastei tudo o que podia dos neurônios e não consegui."

"O Vale do Araranguá é uma das regiões onde o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) é dos mais pobres. O poder aquisitivo da população é muito baixo e nosso aluno que saía do ensino médio não tinha condições de ir para as universidades particulares. Agora ele tem a UFSC", considera Joarez Bitte.

30 ANOS EM 10

O prefeito de Araranguá, Mariano Mazzuco Netto, viu de perto como uma Federal é capaz de evoluir e trazer no seu encalço o desenvolvimento de uma cidade. Na Porto Alegre (RS) do final dos anos 1960 e início dos anos 1970, ele conheceu a faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs). Recentemente, voltou para lá depois de muito tempo e ficou espantado com a estrutura do lugar. O mesmo salto ele espera ver na cidade que administra, só que em uma velocidade bem maior.

"Vamos ter uma modificação enorme na nossa sociedade em termos de ensino, cultura, movimento na economia. Nosso povo está mais entusiasmado com a certeza de que os jovens terão oportunidades aqui mesmo para estudar", assegura, sinalizando que o campus na cidade terá no mínimo o aumento de um curso por ano.

Fotos Kelly Dandolini/Divulgação

Uma conquista da sociedade organizada

Do sonho de um visionário, filho de agricultores da região serrana, ao anúncio do compromisso da universidade

"Uma conquista da sociedade organizada". A inscrição marcada na pedra fundamental do campus de Curitibaanos mostra como foi que a cidade de 36 mil habitantes encravada no Planalto Serrano conseguiu sensibilizar a direção da UFSC a implantar um campus lá. Tudo começou com o sonho de um visionário. Filho de agricultores da região, Olávio Gevehr, hoje com 61 anos, fez concurso, ingressou no Banco do Brasil e passou por várias cidades antes de "voltar ao lar" para lançar o desafio, em uma reunião do Rotary, em 2006.

"A primeira vez que ele falou isso, eu pensei: coitado, será que ele está ficando meio gagá? Ele está sonhando tão grande, e com uma coisa tão impossível, mas eu não vou contestar, porque sonhos a gente não deve contrariar. A partir daí, olhe onde o sonho foi parar", lembra o médico Altino Lemos de Farias.

Seu Altino, de 76 anos, é um exemplo típico de uma realidade que pouco se transformou com o passar dos anos - até agora. Ele saiu da cidade porque não existia a faculdade de Medicina e foi para o Paraná. Por uma coincidência incrível, há exatos 50 anos, justo quando a Universidade Federal nascia em Santa Catarina, seu Altino se formava. Se alguém quiser seguir seus passos e entrar em uma universidade pública de qualidade, hoje, não vai precisar ir tão longe.

"Nós sentimos que a realidade do progredir, do se formar, do usufruir daquilo que a sociedade pode oferecer, nasceu para todos. Se a universidade se localiza na Capital e nos grandes centros, ela fica limitada. Se ela teve a grandeza e a inteligência de aceitar o desafio de vir até nós, que temos um monte de carências, e trazer toda essa realidade extraordinária, o que podemos dizer é o seguinte: que tem-

pos bons nós estamos vivendo", emociona-se o médico.

Seu Altino, Olávio e outros entusiastas da ideia começaram a pensar uma estratégia para conseguir realizar o sonho.

"Tínhamos a consciência de que sozinhos seria muito difícil fazer esse trabalho. Só conseguimos graças ao apoio da comunidade", conta Olávio.

Munidos de boa vontade, eles reuniram 36 autoridades e entidades, buscaram informações, receberam algumas dicas nas "entrelinhas" e começaram a trabalhar efetivamente em cima da ideia. O primeiro contato com a direção da UFSC foi em fevereiro de 2007. Em maio, organizaram uma audiência pública na cidade, que contou com a presença de mais de 900 pessoas.

"Nesse momento foi anunciado o compromisso da universidade em dizer que Curitibaanos seria o lugar escolhido. Foi um momento histórico, o mais emocionante que eu já vi até hoje, algo que eu acho que não vou mais ver na minha vida", recorda Olávio, que acabaria se transformando no diretor administrativo do campus.

A partir dali, com a ajuda de todos, foi formada a Co-



Foto Campus Curitibaanos/Divulgação

O primeiro bloco de quatro andares com 4.925 metros quadrados foi concluído em junho. Durante a comemoração dos 50 anos da UFSC, a edificação será inaugurada oficialmente

missão Pró-Campus, integrada por 15 líderes da comunidade. Eles trabalharam desde então, sem nenhum propósito pessoal, em prol da estruturação do campus em Curitibaanos.

O TERRENO

As aulas começaram em agosto do ano passado. No início, não existia uma sede própria. As aulas eram ministradas em um espaço alugado na Universidade do Contestado. A ideia de um campus estruturado começou a tomar corpo quando veio a primeira de cinco doações de terreno que a Comissão receberia: uma área de 242 mil metros quadrados, doa-

da pela empresa Agropastoril Gaboardi Ltda., na estrada que liga Curitibaanos a São Cristóvão do Sul. Depois veio a ampliação do terreno, uma área para o Centro de Extensão, outra para pesquisa na área florestal e finalmente um espaço de 3 mil metros quadrados no perímetro urbano para abrigar o curso pré-vestibular, uma parceria da UFSC com o governo do Estado.

O primeiro bloco de quatro andares com 4.925 metros quadrados foi concluído em junho. Durante a comemoração dos 50 anos da universidade, a edificação será inaugurada oficialmente.

Tradição é preservada na escolha do curso

Curitibaanos tem forte tradição na área de Engenharia Florestal, com o cultivo de flores e a criação de peixes de água doce. Como o Brasil é um grande produtor e precisa de estímulos na agricultura, nada mais apropriado do que atender à vocação da região. Assim, inicialmente, foram escolhidas duas especialidades na área rural: Agronomia e Engenharia Florestal.

"A proposta inicial colocada tem uma relação direta com os aspectos sociais e a economia da região. Esse é apenas o passo inicial", comenta o professor Alexandre Siminski, que ministra as disciplinas de Ecologia e Ecologia Florestal.

Hoje, o campus conta com 230 alunos. O sistema é o mesmo dos outros campi. Em três

anos, o estudante tem o Bacharelado em Ciências Agrárias e pode optar por uma das duas habilitações para seguir no universo acadêmico. Ainda existe a possibilidade de transferência para Florianópolis, com vaga garantida, para finalizar o estudo em outras áreas afins, como Agronomia, Engenharia de Aquicultura, Zootecnia e Ciência e Tecnologia Agroalimentar.

"O aluno pode ficar no campus ou migrar para outras áreas, dentro da possibilidade de mobilidade. Ele vai amadurecendo dentro da instituição, compreendendo a sua formação base e vai investir no curso que escolher no futuro", avalia o diretor geral do campus, César Damian.

7
campus
Curitibaanos





Antiga profissão, novos desafios

Cursos recebem conhecimento tecnológico suficiente para atender à demanda de recuperação ambiental

A profissão é antiga, mas por mais paradoxal que possa parecer, tem um grande futuro pela frente. Ainda mais em época de escassez de recursos naturais, de feridas abertas pelos maus tratos ao meio ambiente e da necessidade de alimentar uma população cada vez maior. O homem do campo nunca foi tão necessário no campo. Porém, com conhecimento.

As demandas estão aí, nos noticiários. A tão falada exploração do petróleo em áreas pré-sal, o crescimento dos países asiáticos, que cada vez estão consumindo mais comida, a urgência em aliar o consumo à sustentabilidade. Tudo isso faz do profissional das Ciências Agrárias um "espécime" em ascensão no mercado de trabalho.

"O Brasil está sendo visto como a grande frente para garantir alimentos para essas novas gerações que estão vindo aí. Então, nós vamos ser expoentes em agricultura e vai faltar profissional em tudo quanto é canto", projeta o professor Edegar Roberto Andreatta, diretor do Centro de Ciências Agrárias da UFSC e tutor do campus de Curitibaanos.

Quem ingressar no curso oferecido no novo campus e optar por se lançar ao mercado de trabalho após o primeiro ciclo, já vai sair com um curso em nível superior e poderá trabalhar em escolas e empresas, só não vai ter a habilitação específica das profissionalizantes, ou seja, não será considerado como engenheiro agrônomo ou engenheiro florestal.

Um engenheiro agrônomo pode trabalhar em todas as áreas de produção agropecuária, em grandes lavouras, em empresas produtoras ou beneficiadoras de grãos, e ainda tem a oportunidade de seguir carreira acadêmica e científica com trabalhos de pesquisa e extensão.

"De todas as profissões que conhecemos, os agrônomos são os mais versáteis em termos de



Fotos Divulgação/Campus Curitibaanos

Quem ingressar no curso oferecido no novo campus e optar por se lançar ao mercado de trabalho após o primeiro ciclo, já vai sair com um curso em nível superior

8

campus
Curitibaanos

Uma faculdade no quintal de casa

Jacqueline Ortiz, 18 anos, hoje vê o futuro crescimento da cidade onde nasceu. Quando ficou sabendo da interiorização da UFSC, ainda estava no ensino médio e já começou a estudar para o vestibular de verão. Frequentou o cursinho pré-vestibular que a própria UFSC oferece e passou o ano todo estudando de manhã e fazendo o cursinho à tarde. Um esforço que ela sabia que valeria a pena.

"Não era apenas um sonho de fazer faculdade, era uma oportunidade, pois meus pais são pequenos agricultores e não poderiam me manter fora da cidade, nem em uma Federal, nem em uma particular", conta a universitária.

No início, na sala alugada junto à Universidade do Contestado, Jacqueline estava apreensiva; não sabia exatamente o que iria encontrar pela frente. Não ficou assim por muito tempo. Hoje cursando Ciências Agrárias em instalações próprias do campus, ela nem pensa em considerar outras possibilidades. Já vislumbra, no futuro, trabalhar com Engenharia Florestal.

Aline dos Santos Souza teve o mesmo privilégio de ter uma universidade perto de casa, como a maioria dos alunos do campus. A

adaptação é facilitada e acontece sem traumas. Ela não pode dizer o mesmo de alguns colegas que vieram de longe.

"Vendo meus colegas vindos de fora percebo a dificuldade e a energia desviada do estudo na busca de moradia e condições básicas para se estruturar, não só fisicamente como emocionalmente."

"Sem dúvida alguma que a Universidade no "quintal" da nossa casa facilita bastante todo o processo. Os alunos egressos do ensino médio têm certa dificuldade na adaptação nos primeiros períodos da universidade. Estando próximos de casa, esses alunos obtêm determinadas vantagens que longe não teriam, tais como: família próxima, estão familiarizados com o local e com as pessoas e mantêm amigos por perto, que nessa idade ainda é muito importante", argumenta o professor Rogério Tubino Vianna.

Para o professor Alexandre Siminski, aproximar a universidade da realidade dos alunos também é importante para trabalhar nas aulas com assuntos que tenham relação direta com o cotidiano desses alunos.

mercado de trabalho", garante Andreatta.

Um Engenheiro Florestal pode trabalhar no planejamento de plantios de essências florestais para a produção de madeira, seja para o uso como madeira ou como polpa, para a produção de papel, na área de celulose. Também pode trabalhar na área de

mudas, no planejamento e no manejo dos plantios, ou em fábricas onde existe classificação de qualidade de madeira, padronizações, etc.

"Os dois cursos recebem conhecimento tecnológico suficiente para também atender à demanda muito importante que é a parte de recuperação ambiental,

com reprodução de espécies nativas, ou então o desenvolvimento de linhagens de alguma espécie nativa que tenha interesse econômico", explica o tutor.

Andreatta dá o exemplo de uma goiabeira serrana, cultivada na região de Lages e São Joaquim, que está sendo "melhorada" geneticamente.

A lógica da geração de emprego na cidade

Promover a formação de cidadãos por meio da educação será uma das contribuições da UFSC para a região

Segundo o professor Rogério Tubino Viana, após cumprir seu papel fundamental com pesquisa, ensino e extensão, a universidade ainda irá contribuir para a geração de empregos na região, a partir de mão-de-obra qualificada, fomento do empreendedorismo e da formação de profissionais liberais, além de outros aspectos, como geração de renda e movimentação da economia na cidade de estabelecimento do campus e da região em seu entorno.

"A grande preocupação é esta. Não consigo enxergar dignidade no ser humano sem emprego. Para garantir emprego, você tem que qualificar a mão-de-obra, para que, no futuro, ele possa buscar uma colocação no mercado de trabalho de forma igual", ensina o prefeito Wanderley Teodoro Agostini.

A tendência é a de que a presença da UFSC chame a atenção dos empresários.

"Cada empresário dessas regiões está ávido por informações científicas que possam ser apropriadas pelas empresas regionais", afirma o secretário estadual de Educação, Silvestre Heerdt.

É com isso que conta o vereador Angelo Sclaro. Ele argumenta que a falta de trabalhadores qualificados atrapalha quando o município concorre com os vizinhos pela instalação de empresas de grande porte na cidade ou região.

"Perdíamos empresas porque não tínhamos mão-de-obra es-

pecializada ou formada, de grau superior. A gente espera que isso tudo venha a ser revertido no futuro.

"O acesso ao ensino superior ajuda a formar cidadãos atuantes na sociedade e a oferecer melhores oportunidades ao mercado de trabalho", destaca o presidente da Associação Comercial e Industrial de Curitiba, Arnildo Gerhardt.

Outra situação que as autoridades tentam evitar é o êxodo dos jovens em busca de oportunidades melhores.

"O que ocorria muito aqui? Os jovens iam fazer universidade fora, em centros maiores onde havia a possibilidade, e acabavam encontrando uma condição de vida lá e não retornavam. Então, um dos grandes problemas nossos que está sendo resolvido com a vinda da UFSC para cá é a questão do êxodo dos filhos da terra, que iam se profissionalizar lá fora e acabavam não voltando para cá. Isso causa um empobrecimento da região", sugere Sclaro.

À ESPERA DE AJUSTES

Antes mesmo da UFSC transformar a região, é preciso que a própria região se transforme. O contexto exige. O fato de hospedar uma universidade federal demanda um esforço das escolas na educação fundamental e no ensino médio. Se não prepararem bem seus alunos, a concorrência pode atropelar os moradores locais quando o curso se consolidar como uma referência no Estado,

e até no país.

"É preciso que as entidades do ensino médio estejam mais atentas para atender a expectativas dos alunos com a vinda da universidade", alerta o professor Alexandre Siminski.

"Também é preciso que a sociedade como um todo trabalhe alternativas para incentivar os jovens a continuarem seus estudos após concluir o ensino médio. Promover a formação de cidadãos por meio da educação, sem dúvida, será uma das grandes contribuições da UFSC de Curitiba para a região", conclui.

O universitário Juliano Terhorst concorda e vai além: "Também temos que levar em conta que a adaptação à universidade pode estar ligada com a qualidade do ensino médio que tivemos."

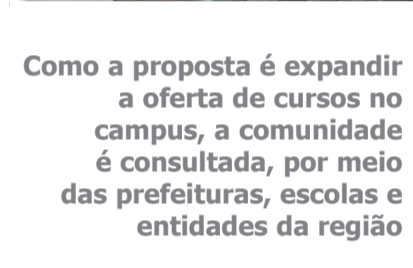
Ele ainda tem outro problema. Juliano concluiu o ensino médio no ano de 1989, no colégio público Casimiro de Abreu, em Curitiba, e afirma que a chegada da UFSC provocou uma mudança na vida dele, que sempre teve o desejo de querer aprender e se dedicou a isso.

Apesar da facilidade de ter aulas gratuitas em uma Federal na cidade natal e ainda ganhar uma bolsa para poder estudar durante o dia, em tempo integral, ele acredita que as empresas da cidade deveriam se adaptar aos novos tempos e flexibilizar os horários para proporcionarem uma oferta de emprego maior a quem não pode deixar de trabalhar para fazer um curso superior.

Para o secretário de Desenvolvimento Regional José Guidi, a chegada da universidade é um divisor de águas e as mudanças já estão a caminho.

"Já começa a ter essas mudanças. No comércio, a movimentação no setor da construção civil já é grande, porque realmente traz essa esperança, já mexeu com o brio da população", afirma o secretário.

"A gente já vem sentindo um reflexo na autoestima da população. O pessoal da região, de cidades vizinhas, por exemplo, estão dando transporte para o aluno que faz universidade aqui. A gente vê muitas pessoas se especializando em alguns serviços que não existiam na região. A construção civil teve ampliação de



Como a proposta é expandir a oferta de cursos no campus, a comunidade é consultada, por meio das prefeituras, escolas e entidades da região

mais de 150%, tem muita gente construindo para hospedar quem vem de fora", garante Sclaro.

DE OUVIDOS BEM ABERTOS

Como a proposta é expandir a oferta de cursos no campus, a comunidade está sendo consultada, por meio das prefeituras, escolas e entidades da região, para identificar os anseios dos jovens e criar um curso que atende a essas expectativas. A UFSC quer ouvir o que a sociedade da região gostaria de aprender.

"Queremos saber qual é a tendência do jovem, o que ele pretende fazer, para que ele não saia daquela região", explica César Damian.

"Penso que teremos, muito em breve, que ofertar novos cursos que interessem à região. Isso porque a região necessita de cursos que formem profissionais que irão elaborar efetivamente a renovação socioeconômica", considera o professor Rogério Tubino Viana.

A consulta é feita até online. A Câmara de Vereadores lançou um sistema pioneiro de audiência pública virtual. "O primeiro tema foi a questão da UFSC, como parte de um polo educacional curitibanoense. As pessoas acessam o site (www.camaracuritiba.gov.br) e sugerem o próximo curso a ser implantado", explica o presidente da Câmara, Angelo Sclaro.



Professores e Servidores Campus Curitiba



campus
Curitibanos



Os pensadores da mobilidade

UFSC chega a Joinville com o curso inédito de Engenharia da Mobilidade, que engloba conhecimentos em áreas diversificadas

Nos casos de Aranguá e Curitiba, a UFSC procurou regiões de baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), exatamente para entrar naquelas localidades como um elemento propulsor de crescimento. Em Joinville, a lógica foi outra. Estrategicamente a cidade tem algumas características, como um grande parque industrial já formado nas áreas de metal-mecânica, com portos próximos e recentemente brindada com a instalação de uma fábrica de motores da gigante automobilística GE. Tudo isso contribuiu para que, no dia 7 de agosto do ano passado, fosse instalado na cidade um novo campus da Universidade Federal. O curso que iniciou a trajetória da instituição em Joinville foi o inédito Engenharia da Mobilidade. "Identificamos que um grande problema do país na área tecnológica era a fragmentação das decisões de um problema mundial, que é o da mobilidade, de produtos e pessoas. É uma coisa que preocupa o mundo inteiro", conta o vice-reitor da UFSC, Carlos Alberto Justo da Silva.

A Engenharia de Mobilidade foi concebida com a finalidade de capacitar pessoas de alta competência para planejar, projetar, manter e gerenciar sistemas técnicos utilizados no movimento e transporte de pessoas, produtos e informações. O curso engloba o conhecimento em áreas distintas das engenharias. "Teremos vários profissionais de diferentes especialidades trabalhando juntos para pensar nos problemas de infraestrutura, que são complexos, de forma integrada", aponta o diretor geral do campus, professor Acires Dias.

O primeiro ciclo será de dois anos, com disciplinas comuns a todos os alunos. Aí vem o primeiro direcionamento, quando o curso se divide em Tecnologia Veicular e Tecnologia de Transporte. A prioridade é pela melhor nota: quem for melhor, escolhe; o resto, entra onde der. A princípio, serão 140 para Veicular e 60



Fotos Divulgação

Alunos do curso poderão escolher entre Tecnologia Veicular e Tecnologia do Transporte. Após o terceiro ano o estudante já recebe o bacharelado, em uma proposta inovadora

10

O campus em números

- 577 alunos matriculados
- 12 professores doutores
- 200 alunos entram por semestre
- 100 doutores, é a previsão daqui a 5 anos
- 118 hectares tem o terreno do futuro campus

para Transporte. No terceiro ano, o estudante já recebe o Bacharelado e pode sair da universidade com habilidades técnicas básicas. Se decidir continuar, vai poder optar entre sete habilitações: Engenharias Naval e Oceânica, Aeroespacial, Ferroviária, Automobilística e Mecatrônica (se entrou na área Veicular); Infraestrutura e Transporte e Tráfego e Logística (se optou por Transportes). Uma proposta moderna e pioneira.

DESAFIANDO O TEMPO

As disciplinas da Engenharia da Mobilidade têm a parte teórica (para os 200 alunos) e outra prática (para até 40 alunos, com um monitor). Proporcionar ao aluno fazer as correlações da teoria e prática pode ser a chave para driblar o poder transformador do tempo em um mundo onde as tecnologias evoluem a galope.

Atualmente, o campus conta com 577 alunos matriculados e 12 professores doutores. O Centro de Engenharia da Mobilidade

está instalado, provisoriamente, junto ao Bloco F do campus da Univille. As instalações próprias serão construídas em um terreno de 1,2 milhão de metros quadrados doado pela prefeitura, ao Sul de Joinville, nas proximidades da chamada Curva do Arroz. Como o local tem uma grande área alagável, uma série de estudos de impacto ambiental e estrutural são necessários antes do início da construção de edificações.

A estrutura precisa estar bem formada até 2012, quando os alunos do terceiro ano vão precisar de laboratórios, que eles chamam de "plantas industriais". Serão espaços grandes, onde o universitário terá acesso a diferentes tipos de mecanismos de motorização e potência. "A estrutura que o curso terá com certeza se tornará referência no país", revela a professora Tatiana Renata Garcia, que leciona Introdução à Informática.

"A futura estrutura do campus será muito moderna, focada

em tecnologias demandadas pelo mercado", concorda o professor Cristiano Vasconcelos Ferreira.

SAÍDA DE DISTENSÃO

A trajetória universitária tradicional para a área de engenharia é longa. Nem todo mundo tem a perseverança ou a paciência de esperar mais de cinco anos para partir em busca de uma carreira. Aí, vem a desistência. Para tentar evitar, ou pelo menos minimizar a evasão, foi montada esta estrutura pedagógica que permite ao universitário, já no terceiro ano, ter um número de créditos suficiente para ter um certificado de conclusão de curso superior.

O bacharel sai com habilitações, não com habilitação. Ele pode trabalhar em banco, em sistema de produção, projetos, computação, desenho, manutenção, controle de processos. Pode fazer mestrado, mas não tem a habilitação do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura. "Isso é o que nós chamamos de saída de distensão", define o diretor geral do campus. A possibilidade do aluno sair como bacharel em três anos ou concluir a engenharia em cinco pode parecer estranho para nós, mas é uma estrutura que vem sendo adotada por muitas outras universidades e está de acordo com as diretrizes do Tratado de Bolonha, que objetivou consolidar um 'Espaço Europeu do Ensino Superior'.

campus Joinville

Dissecando as especialidades

As áreas veicular e de transporte dão ao futuro profissional várias possibilidades de atuação no mercado de trabalho

ÁREA VEICULAR

São cinco as especialidades na área Veicular.

Engenharia Naval e Oceânica - A primeira hipótese de curso sugerida para Joinville foi a Engenharia Naval. Cerca de oito anos atrás, havia uma demanda na área de Itajaí. Os acadêmicos, porém, viram que não era recomendável pela questão de custos. "A indústria naval depende diretamente de programas de governo. O Brasil chegou a ser o 3º maior fabricante de navios na década de 1970, depois simplesmente desapareceu a indústria naval", adverte o tutor do campus de Joinville, Edison da Rosa.

Com a perspectiva de exploração do petróleo na área pré-sal do litoral brasileiro, o setor está retomando o crescimento. Os estaleiros estão extremamente aquecidos. O viés do curso, porém, não é o de projetar navios, a chamada "arquitetura naval", apesar de ter disciplinas específicas para isso. O foco é trabalhar muito nos sistemas embarcados, que podem gerar pequenos produtos para pequenas empresas que se habilitem a construir.

Engenharia Aeroespacial - Com enfoque bem mais espacial do que aeronáutico, vai formar engenheiros para trabalhar com foguetes e satélites, fundamentais para a mobilidade e a estrutura brasileiras.

Engenharia Ferroviária - É o primeiro curso de engenharia ferroviária do país, por incrível que pareça. E Ferrovia não é só trem, mas metrô e todos os sistemas de transporte de massa sobre trilhos. Hoje existem cursos de pós-graduação nesta área, mas não de graduação. As empresas que têm grande demanda montam cursos específicos para dar uma formação adequada a seus engenheiros.

Engenharia Automotilística - Só existem dois cursos semelhantes no país. Há muitos cursos que formam "tecnólogos", não engenheiros. A maioria das pessoas que trabalham na indústria automobilística são engenheiros mecânicos, elétricos, de

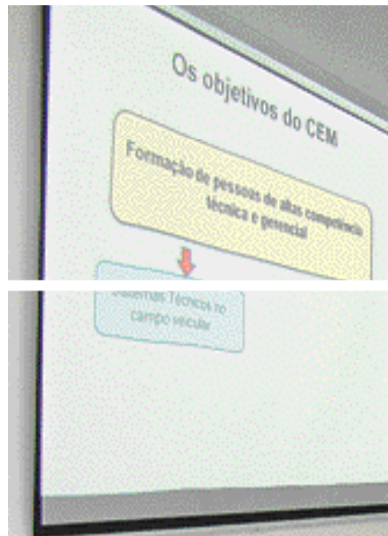
produção, eletrônicos, que se formam em automobilística dentro da própria empresa onde vão trabalhar. Isso forma o engenheiro com os vícios daquela empresa. "Suspeitamos que muito provavelmente não temos uma indústria nacional automobilística porque a academia nunca se empenhou em formar um engenheiro com um conceito que poderia ser diferente. E se você fabricar algo parecido com o que já existe hoje, as pessoas vão optar por um que já é conhecido no mercado", lamenta Acires Dias.

Mecatrônica (Automação e Sistemas) - A ideia é trabalhar com sistemas embarcados, na área veicular e de transporte, para subsidiar a área de satélite, de computação, de hardware, dentro de sistemas.

ÁREA DE TRANSPORTE

São duas as habilitações na área de Transporte.

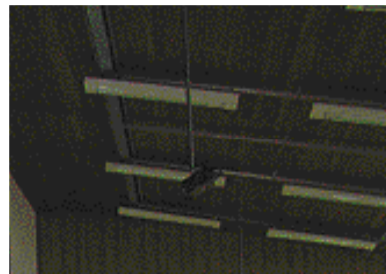
Infraestrutura e Transporte - É um engenheiro civil que vai pensar de maneira inte-



Engenharia Ferroviária e Mecatrônica são algumas das especialidades da área Veicular. No Transporte estão Infraestrutura e Transporte e Tráfego e Logística

grada, porque várias disciplinas são transversais. Vai conhecer de avião, carro, trem, navio e quando pensar num aeroporto, numa ponte, num porto, num túnel, ele já teria a visão dos vários sistemas relacionados a este sistema técnico.

Tráfego e Logística - Com viés mais de Engenharia Civil, mas com fundamentação muito



forte em computação, matemática e estatística, o profissional vai estudar cenários das cidades, do estado, do país, de tal forma que possa ajudar tanto empresas como governos a fazer planejamentos. Como modelar um projeto destes? Que ferramentas pode usar para realizar um plano para daqui a cinco, 20, 50 anos? É o que o aluno vai estudar.

Um novo olhar sobre o caos

As sociedades cresceram desordenadamente e se dividiram em grandes centros urbanos altamente populosos. O desafio que envolve a locomoção no interior destes grandes centros, e entre estes grandes centros, parece intratável quando vemos o caos urbano enfrentado pelas metrópoles. São Paulo e o desespero dos paulistas quando a chuva se debruça sobre a cidade é um exemplo bem próximo. Até mesmo Florianópolis, ilha com poucos acessos e tráfego intenso, já entrou na lista das cidades com problemas de mobilidade. É para resolver estes problemas que foi criada a Engenharia da Mobilidade, em Joinville. "É uma ideia bastante inovadora. Ideias novas sempre geram enormes desafios e desconfiança em geral, enquanto não se estabelecem verdadeiramente. Cada etapa vencida vai direcionar o ritmo do curso, que vai se efetivar com o tempo", projeta o professor Rafael Delatorre, responsável pela disciplina de Estática.

"O projeto do curso é desafiador, pois a metodologia de ensino adotada não é a tradicional. Existe uma preocupação muito grande em ensinar as bases teóricas dos conhecimentos necessários e então aplicar nas tecnologias utilizadas atualmente. O fato de focar nos aspectos teóri-

cos garante que os futuros profissionais vão se adaptar às novas tecnologias que ainda vão surgir", prevê a professora Tatiana Renata Garcia.

Não é mais possível analisar os objetos que nos proporcionam mobilidade isoladamente, é preciso olhar o entorno e os processos envolvidos. De que adianta projetar um navio para 10 mil contêineres se você não tem como escoar estes contêineres em 10 mil caminhões? Como vai levar os caminhões para o porto? Como vai tirar os contêineres? Como vai trafegar? É nessa logística que o engenheiro de transportes vai pensar. E isso serve para qualquer das áreas de especialidade mencionadas. Não basta fabricar avião, navio, trem, automóveis, caminhão, barcos, lanchas. É preciso prever onde esses veículos vão trafegar. Temos portos adequados? Temos aeroportos, malha ferroviária e urbana adequadas?

"Atualmente, as pessoas, as coisas (mercadoria) e informações precisam ser transportadas, com grande rapidez, a baixo custo e com elevada qualidade. O problema da mobilidade é interdisciplinar e multidisciplinar, e envolve distintas áreas do conhecimento", detalha o professor Cristiano Vasconcellos Ferreira.



11

campus
Joinville



Uma cidade talhada para o progresso

Cidade, que já é um polo industrial, recebe cada vez mais moradores atraídos pela UFSC e pelo curso criado em Joinville

Não é de se estranhar que Joinville tenha sido escolhida para um projeto tão audacioso. É uma cidade talhada para o progresso e que esperou 50 anos para realizar o sonho de ter em seus domínios um campus da Universidade Federal de Santa Catarina. "É mais do que justo que tenhamos a universidade aqui", comenta o prefeito Carlito Merss.

"O mais importante de tudo é o conceito de seus cursos, inéditos e baseados em engenharia da mobilidade. São cursos de fundamental importância, principalmente pelos grandes investimentos no setor de infraestrutura que o Brasil está realizando. Serão referência para o Brasil e para toda a América", projeta Merss.

A gerência de Educação da Secretaria de Desenvolvimento Regional destaca que a cidade já é um polo industrial, de gestão e serviço, e enaltece a ini-



Foto Divulgação

Após 50 anos de espera, Joinville realiza o sonho de ter um campus da Universidade Federal de Santa Catarina

ciativa da universidade. "Temos que pensar não agora, mas em uma cidade, um estado, um país para o futuro. É uma geração que vem com um potencial muito grande e os desafios do mundo de trabalho são diversificados. Não sabemos o que vai acontecer, você não tem técnicas ou previsões do que vai acontecer futuramente", argumenta o gerente de

Educação Oscar Maia.

Com quase 40 anos de experiência na área da educação, Oscar tem vivido de perto as transformações no ensino público, especialmente na área tecnológica. E ele entende que uma instituição de tradição no país, que se instala na cidade com objetivos muito claros e específicos, só tem a colher bons frutos.

"Você tem que estar atento aos desafios das empresas, do mundo do trabalho, da tecnologia. É uma situação que a juventude espera e nós educadores temos sempre que recomendar aos alunos para que sejam brilhantes, para que sejam futuros empreendedores, com pequenos e grandes negócios, e esta é a linha da universidade", pondera.

12

campus
Joinville

Joinville já virou referência

Intencional ou não, o fato é que Joinville já virou referência, pelo menos no Estado, com as novas engenharias oferecidas com "padrão UFSC". Claro que há muita estrada a percorrer até se transformar definitivamente em um centro de excelência, mas o primeiro passo foi dado na direção certa. Basta ver o interesse que despertou em estudantes de outras cidades.

Novamente, a proposta do campus do Norte do Estado traz uma perspectiva diferenciada. Ao contrário do apelo regional de Curitiba e Araranguá, Joinville tem uma visibilidade maior, mais universal. E já começa a se destacar, talvez pela curiosidade do pioneirismo, talvez pelas ótimas projeções para o futuro.

"Esta possibilidade é bastante animadora para as pessoas que trabalham na universidade. Tornar a região um centro de excelência na área vai gerar novas

possibilidades para toda a população, e desafios de ponta para os professores e pesquisadores. A possibilidade realmente é grande, tendo em vista que o objetivo é trabalhar assuntos diretamente envolvidos neste grande problema da humanidade atual. Porém muitos desafios ainda devem ser vencidos até chegar neste nível", projeta o professor Rafael Delatorre.

"Com certeza a região será referência na área", entende a professora Tatiana Renata Garcia.

O estudante Rafael Matos Goularte, de 21 anos, tem a mesma expectativa. Apaixonado por automobilismo, ele deixou a terra natal, Tubarão, para aproveitar a criação de um curso especializado na área automotiva. "Escolhi Joinville por ser o maior polo industrial de Santa Catarina e por estar ligado diretamente à engenharia. E a ideia de a UFSC colocar o curso aqui em Joinville possibilita mui-

to contato com engenheiros formados de diversas instituições do Brasil e de fora", observa Rafael.

Não só engenheiros como também colegas de vários cantos do país, enxergaram na Engenharia da Mobilidade uma oportunidade promissora. Lucas Arrigoni Iervolino, de 23 anos, é de Florianópolis e partiu para Joinville para conhecer de perto a Engenharia Naval. O universitário conta que muitos colegas vêm de regiões como o extremo Norte e extremo Oeste do Brasil e concordam com o raciocínio dele: "Ensino de qualidade vale a pena, não importando a distância". Lucas não vê a hora de "estrear" os laboratórios que a universidade deve construir em Joinville. "O campus a ser construído é um sonho, acho que todos nós não vemos a hora de poder estar lá e começar a utilizar os laboratórios e as instalações", admite.